

HEINRICH BÖLL E A VISÃO DE UMA CATOLICIDADE DIFERENTE

Dr. Karl-Josef Kuschel
Universidade de Tübingen

Resumo: em suas obras literárias, ensaios e entrevistas, o escritor católico alemão Heinrich Böll (1917-1985) manifesta com frequência sua opinião sobre as novas possibilidades para o cristianismo. O presente artigo pretende apontar as principais características e as origens biográficas e intelectuais de sua concepção de uma catolicidade renovada, adequada ao mundo contemporâneo e baseada na valorização do ser humano. Apresenta tal concepção como decorrente da identificação do autor com grupos sociais discriminados socialmente, e aponta-a como avessa ao exercício do poder e à esterilização das relações humanas face à regulamentação excessiva imposta pelas instituições, dentre elas as próprias Igrejas cristãs.

Palavras-chave: Heinrich Böll, Literatura alemã, Teologia e literatura, Catolicismo e literatura.

Abstract: In his literary works, essays and interviews, the Catholic German writer Heinrich Böll (1917-1985) often states his opinion about the perspectives for Christianity. This article intends to point out the main characteristics as well as the biographical and intellectual origins of his concept of a renewed Catholicism, appropriate for the contemporary world and based on an increased respect for the human being. In this paper Böll's concept is presented as a consequence of the writer's identification with social groups socially discriminated against. This concept is shown as an element both against the exercise of power and the withering of human relationships due to the excessive number of regulations imposed by institutions, among them the Christian churches themselves.

Key words: Heinrich Böll, German literature, Theology and literature, Catholicism and literature.

Foi um escritor *em contradição*, este Heinrich Böll¹. Nele o inconciliável parecia conciliar-se, o incompatível, compatibilizar-se. Ele uniu em si o poeta e o “protestante”, foi a um só tempo instância moral e marginalizado social, humorista astuto e figura de identificação nacional alemã em uma só pessoa. Um escritor *em contradição* e um escritor *da* contradição: ousou atacar partidos democráticos em nome de uma democracia diferente; ousou hostilizar a sociedade cristã e burguesa, porque tinha em mente uma visão bastante diversa do que deveria ser a prática política; ousou atacar a Igreja católica — em nome de uma catolicidade diferente. Sim, ele chegou mesmo a afastar-se dessa Igreja no final dos anos 70, para — conforme acreditava — poder continuar sendo católico.

Heinrich Böll (1917-1985) jamais colocou em questão o fato de ser católico; sempre concebeu-se como um cristão, apesar de não se arriscar a autodenominar-se “cristão”. Esse adjetivo, na opinião dele, havia sido usurpado por um partido conservador e por sua política no contexto alemão ocidental da época². Böll, de sua parte, jamais poderia ser “cristão” da mesma forma que essa política partidária era “cristã”.

Sua crítica à Igreja católica, portanto, estava diretamente relacionada com a situação política na Alemanha Ocidental; também o seu rompimento com ela só pode ser compreendido desse ponto de vista. Na Alemanha, as Igrejas arrecadam seus recursos através de um imposto clerical cobrado pelo Estado. Böll rompeu com a Igreja católica, porque se negou a continuar fazendo parte de uma instituição que mantinha seu poder com a ajuda de recursos provenientes também de cidadãos totalmente descomprometidos com ela. Face a isso é que Böll insistia na distinção entre o “corpo” da Igreja, ao qual ele se sentia integrado, e a “corporação” Igreja. Distinguiu o *corpus Christi mysticum* daquela entidade politicamente poderosa em que se havia transformado o catolicismo alemão do pós-guerra: esta última estava muito próxima do Estado, muito atrelada à sociedade organizada e gozando de muitos privilégios, para que pudesse merecer a devida credibilidade. “Se eu fosse francês, sueco, islandês, polonês ou italiano”, o rompimento não teria constituído “qualquer problema”, disse ele em 1982. E ainda: “Foi sobretudo a postura da Igreja católica nas questões do rearmamento e da ampliação dos arsenais militares que acabou tendo importância”, referindo-se à posição favorável da Igreja ao fortalecimento das forças armadas alemãs quando as relações entre os blocos ocidental e socialista começavam a estremecer, na década de 50.

Ainda assim — segundo Böll: “Nós [minha esposa e eu] continuamos nos definindo como católicos”³. E foi o que ele perma-

neceu até o fim. Junto ao túmulo — de maneira simbólica para o mundo de Böll — um padre católico, amigo seu, conduzia o rito de sepultamento, enquanto ciganos tocavam uma melodia ao mesmo tempo alegre e melancólica... Ciganos: eles representam na sociedade alemã uma minoria perseguida, rejeitada e desprezada.

1. “Justamente a Irlanda!”

Com que tipo de cristianismo nos deparamos na obra de Böll? Em que consiste o valor heurístico que traz em si? Que desafio afinal ele representa para a Teologia e para a Igreja hoje? Começarei propositalmente pela periferia de sua compreensão de cristianismo, para então chegar ao cerne da questão. Minha tese é a seguinte: *O cristianismo de Heinrich Böll é um cristianismo de traços católicos irlandeses.*

A função-chave da Irlanda para a compreensão bölliana de catolicismo e cristianismo pode surpreender apenas aqueles que não o conhecem ou que o tomam apenas por um renano cheio de humor. Carl Amery, um escritor católico bávaro que se mantém igualmente crítico e reservado em relação ao catolicismo, tanto quanto Böll desde os anos 60, relata um episódio significativo nesse sentido. Trata-se de uma conversa sua com o cardeal alemão Döpfner, que havia se irritado profundamente com o lançamento de um livro de ensaios de Böll sob o título *Perguntas ao mundo e à Igreja*. “Eu procurei” — conta Amery — “informar melhor o cardeal, e mencionei de passagem que ele deveria saber qual o país preferido de Böll. Ele não sabia, e então eu disse a ele. A reação do cardeal não foi apenas de surpresa, ela foi quase um choque somático. ‘Irlanda!’, ele gritou mais de uma vez, e bateu com as mãos nas coxas, sentado, curvando-se para frente”⁴.

De fato: Heinrich Böll amava justamente a Irlanda. Já desde o início, disse ele certa vez, suas influências não vinham apenas de Kleist e Hebbel, de Chesterton e Dickens, mas também de contos de fada irlandeses de origem popular. A partir de 1955 ele passou a visitar a Irlanda regularmente. Em 1957 escreveu o famoso “Diário irlandês” (*Irishes Tagebuch*) sobre suas experiências naquele país. Em 1958 comprou uma casa em Dugort, e em 1961 trouxe a público um roteiro para um filme sobre a Irlanda. Além disso, dedicou-se, junto com sua esposa, à tradução de autores irlandeses contemporâneos como Brendan Behan, Flann O’Brien,

Thomas O’Crohan e Eilis Dillon, os quais se empenhou em divulgar junto ao público alemão.

As causas dessa ligação intensa justamente com a Irlanda, no entanto, carece de análise. No caso de Böll, a Irlanda é mais que o país geograficamente localizado. *A Irlanda é símbolo para toda uma visão de mundo em Böll*, e quem compreende a Irlanda compreende também o “mundo de Böll”, seu mundo interior e exterior, suas posturas fundamentais, sua espiritualidade, sua devoção. O motivo disso?

Em primeiro lugar, Böll amava esse país não apesar, mas justamente por causa de sua *fragilidade política*: “Nesta ilha vive o único povo da Europa que nunca promoveu movimentos de conquista, mas que foi, ele mesmo, muitas vezes conquistado”, diz uma anotação sua já no início do “Diário Irlandês”⁵. Para ele, proveniente de um país que duas décadas antes impusera ao mundo os horrores de uma guerra terrível, originário de um povo que fora dominado doze anos a fio por um regime baseado na ideologia da dominação, da conquista, da opressão, da aniquilação de outros povos; para ele, que se sentia parte de uma geração seduzida e enganada, antes vitimada pela guerra e pelo fascismo (ele mesmo foi mandado ao front com 22 anos de idade) — para ele, enfim, essa pequena Irlanda resplandecia de uma inocência fascinante. Heinrich Böll, durante toda sua vida, teve medo dos vencedores.

Além disso, Böll amava esse país não apesar, mas justamente por causa de sua *pobreza*. E nesse sentido Böll possuía algo completamente diverso de uma relação estética ou sócio-romântica com ela. É com muita agudeza que ele menciona no “Diário” a miséria social das favelas de Dublin. Elas não irão em momento algum constituir o cenário pictórico ao fundo de uma imagem sentimentalizada da Irlanda. Böll terá sempre em vista a grande fome de meados do século XIX, que forçou milhões de pessoas a emigrar, e da qual a Irlanda não se recuperou integralmente até os dias de hoje. (Para o público alemão, por exemplo, ele comenta em 1963 a obra “The Great Hunger”, da historiadora inglesa Cecil Woodham-Smith⁶). Repetidas vezes Böll descreve a Irlanda criticamente a partir da perspectiva de crianças, que seriam amadas naquele país somente enquanto permanecessem crianças, para depois se verem obrigadas a emigrar: nascido em Dublin, sepultado em Sidney ou em Nova York.

Ainda assim, são sempre os pobres que ocupam o primeiro plano na obra de Böll quando sua intenção é descrever uma *forma alternativa de dignidade humana*, uma forma alternativa de relacio-

namento entre as pessoas. E isso é o que ele parece ter encontrado na Irlanda, na sua Irlanda. Lá a pobreza assumiria um significado completamente diferente do que possuía na Alemanha ou na Inglaterra: “A pobreza, além de não ser ‘uma vergonha’, não se consituía nem em vergonha nem em virtude: ela se mostrava — enquanto indício de autoconsciência social — tão inexpressiva quanto a riqueza; os frisos nas roupas haviam perdido seu fio cortante, e o alfinete de segurança voltava a seu lugar de outro-ra”⁷. É essa Irlanda dos alfinetes e dos frisos mal feitos que Böll contrapõe a uma sociedade onde frisos bem marcados são símbolos para ordem, disciplina e posição social. Fica claro que seu livro sobre a Irlanda não havia sido escrito apenas em favor desta última, mas também contra uma certa experiência de Alemanha que ele tivera.

Crítica à Alemanha face ao que havia representado a viagem à Irlanda — é disso que se trata. Na imagem refletida pela Irlanda, um certo público leitor deveria aprender a reconhecer o déficit social e emocional de sua própria sociedade.

2. *Catolicidade e crítica à dominação*

Heinrich Böll também amava a Irlanda não apesar, mas por causa de sua *catolicidade*. Ele constatava muitas analogias: a Renânia católica, onde havia passado toda sua vida (era nascido em Colônia), sempre se sentira “profundamente desprezada” pela Prússia protestante (Berlim):

“Da mesma forma que os poloneses haviam sido desprezados pelos prussianos em virtude de serem católicos e em virtude do simples fato de serem poloneses, também os renanos foram desprezados porque não eram tão espantosamente assíduos e além disso também por serem católicos”⁸.

As mesmas estruturas de dominação são percebidas por Böll na relação entre a Inglaterra protestante e a Irlanda católica: “O desprezo inglês face a esses irlandeses sujos e preguiçosos era exatamente igual”⁹. Assim estabeleceu-se uma notável *solidariedade* entre povos tão diferentes quanto *renanos, poloneses e irlandeses*. O que os une, segundo Böll, é o sentimento comum de pertencer a um povo desprezado e ao mesmo tempo discriminado religiosamente. Para esse filho de marceneiro das classes menos privilegiadas de Colônia — sobretudo sob a ditadura nazista e levada em consideração a relação de dominação

intracatólica (hierarquia-povo) —, ser católico significa ser desprezado, oprimido e perseguido. Sim, a pressão política forçou-o a solidarizar-se com uma Igreja da qual grandes segmentos da burguesia alemã haviam se afastado antes de 1933, ao menos interiormente. (Böll: “Com 14, 15 anos afastei-me da Igreja anos a fio. Na oposição ao nacional-socialismo surgiu de novo uma certa lealdade — que vinha atrasada, a propósito, e que talvez fosse até mesmo falsa”)¹⁰.

Tal experiência constitui a origem da *catolicidade oposta à dominação*, tão marcante em Heinrich Böll. Trata-se da mesma catolicidade que exercerá cada vez mais influência nos meios intraeclesiais depois do fim da ditadura nazista. A não-conciliação de Böll com o Estado e com a Igreja deveu-se à sua forte ligação com recordações do passado que só faziam corroborar sua tendência a manter-se na oposição. Nesse ponto — reforçada pela influência do catolicismo social francês e de autores como Bernanos, Bloy e Mauriac — reside também a raiz da utopia bölliana da *reconciliação entre catolicismo e socialismo*, que ele enfatizaria ainda em 1985 em um poema pelo sexagésimo aniversário de Ernesto Cardenal:

“A fim de que vocês se tornem e permaneçam
o que quero que sejam
socialistas sorridentes
e ainda assim — milagre! —
católicos
até cristãos, possivelmente”¹¹.

É nesse ponto, portanto, — na experiência não do catolicismo refinado ou hierárquico, mas do catolicismo do povo como minoria dominada e desprezada — que se baseiam a perspectiva literária “de baixo” assumida por Böll, bem como seus esforços de fazer da “raia miúda”, dos grupos esquecidos e desprezados, provenientes das camadas sociais mais baixas, os heróis anti-heróicos de seus romances. É aí que ele baseia sua preocupação em esboçar uma “poética do cotidiano”, em descrever uma “mística das coisas do dia-a-dia”.

3. A contra perspectiva Bölliana

A *evocação dos detalhes* distingue-o como escritor: a forma pela qual alguém acende o cigarro, apanha um copo d’água, toma-o nas mãos, bebe; a forma pela qual alguém dá um telefonema, mexe a cabeça, reclina-a, move-se. Em sua narrativa desacelerada

e obsedada por detalhes, a minúcia mais despercebida já ganha importância e significado por sua simples menção. Não era gratuito o amor de Böll pela seguinte citação de Lutero: "Nada falta às pessoas, desde que elas tenham ao menos uma vez contemplado corretamente uma criatura"¹². Também no romance "Impressões de um palhaço" (*Ansichten eines Clowns*) nos deparamos com o seguinte trecho: "Imaginar que Züpfner poderia olhar Maria quando ela estivesse se trocando ou quando ela estivesse colocando a tampa no tubo de pasta de dente era para mim algo insuportável... Torturava-me também imaginar que para Züpfner nada significaria poder olhar atentamente para Maria enquanto ela tampasse o tubo de pasta de dente. Segundo a minha experiência, os católicos não têm qualquer sensibilidade para os detalhes"¹³. É essa manifestação de um catolicismo doutrinariamente limitado que Böll quer desmascarar aqui: seu *desconhecimento dos detalhes*, ou seja, sua ignorância em relação à realidade da vida, em relação aos pormenores da vida a dois, que os programas, projetos, fórmulas prescritivas, princípios e doutrinas desconsideram com tanta facilidade.

Face a isso impõe-se a contraperspectiva: "*sujo — preguiçoso — asqueroso - católico*". É preciso perceber a ironia nessa enumeração, se queremos entender a genuína dialética bölliana. Com ela o escritor volta-se contra uma prática eclesial que valoriza mais a "pureza dos ensinamentos" do que a experiência concreta, mais a ortodoxia do que a vida vivida pelas pessoas, e mais a correção moral do que a autenticidade humana. O cristianismo de Böll com sua face renano-polonês-irlandesa é um cristianismo que não despreza a sujeira, mas é capaz de aceitá-la como expressão concreta de humanidade. Como escritor e como pessoa, Böll amava mais a impureza e a mistura do dia-a-dia do que a pretensa pureza das doutrinas. E isso pelo simples fato de as pessoas não viverem orientadas o tempo todo por dogmas, doutrinas e por uma moral abstrata. É daí que provém sua preferência por odores (o protagonista do romance "Impressões de um palhaço" é dotado de uma capacidade suprasensorial de sentir odores pelo telefone, o que serve como instrumento de caracterização das demais personagens) — sua preferência por tudo de humano "que é considerado tabu pelos círculos sociais mais elevados e que estes pretendem afastar com a ação de um tubo de spray, já que nestas camadas mais altas não se fede, apenas se exala perfume. O fato de o sofrimento e a sujeira clamarem (e exalarem!) aos céus, no entanto, transformou o olfato de Böll, sensível aos odores do mundo, em um sentido capaz de exercer seu senso crítico em relação à ideologia dominante"¹⁴. A obra de Böll assume a forma de um ataque muito peculiar à identificação burgue-

sa entre religião e limpeza (pureza), eclesialidade e decoro burguês. E em Böll não é por acaso que justamente um padre combata essa identificação, o Pe. Kolb, de "Fim de uma viagem" (*Ende einer Dienstfahrt*)¹⁵.

Este é, portanto, o resultado da contraperspectiva bölliana, sobre o pano de fundo de sua poética do cotidiano: a "sujeira" católico-renano-polonês-irlandesa não é ponto de partida para entronização ou desprezo, mas sim sinal de contraposição a uma limpeza mórbida e a uma perfeição estéril entre os homens; a "preguiça", por sua vez, quer contrapor-se a formas alienadas de eficiência e racionalidade pragmática; e o "lixo", finalmente, quer apresentar-se como reservatório de uma humanidade vivida no dia-a-dia e surgida no calor das relações concretas entre as pessoas. Ou seja, por um lado os textos de Böll desmascaram o desprezo pelas pessoas "sujas, preguiçosas e asquerosas", revelando-o como forma de dominação; por outro, pretendem demonstrar, através das personagens menosprezadas pela moral vigente, uma nova forma de humanidade.

4. Cristianismo de traços femininos

Este cristianismo de Heinrich Böll, com sua face católico-irlandesa, apresenta-se como um *cristianismo de traços femininos e maternos*. Sem dúvida, o "Diário irlandês" tem suas passagens mais bonitas onde são descritas mulheres: na meditação sobre os "pés mais belos do mundo", na melancólica reflexão sobre os nove filhos da Sra. D. ...As mulheres são, segundo ele, as "agentes desse mundo", para as quais não há lugar nos bares abarrotados de homens¹⁶.

Böll, como nenhum outro autor alemão contemporâneo de renome, conferiu às mulheres uma ação decisiva em seus textos. Confrontou-se também com a figura de *Maria* já a partir de suas primeiras narrativas (como em "Velas para Maria", de 1950) até seu grande romance de 1971, "Retrato de grupo com senhora" (*Gruppenbild mit Dame*). Böll sabia que o catolicismo havia preservado muitas coisas em torno da veneração a Maria, também no que diz respeito a tradições míticas e arcaicas.

O motivo marial encontra em "Retrato de grupo com senhora" sua plena realização literária. Leni, a protagonista do romance, deve ser entendida como uma madona representada em linguagem cifrada, uma "madona subversiva", por assim dizer, con-

forme a classificação tipológica proposta pelo próprio autor. Ela também é para Böll uma manifestação daquela síntese tão peculiar de meiguice e firmeza, religiosidade e sensualidade, humildade e subversão. Uma mulher, afinal, que revela o déficit de humanidade na sociedade e na Igreja, à medida que se vê menosprezada por elas como “prostituta de comunistas” por manter uma relação afetiva com um prisioneiro russo no tempo da guerra. Também nesse caso surge a mistura, a aproximação de coisas aparentemente díspares. Com a linha de caracterização tipológica Leni-Maria, Böll procura “questionar o velho conceito de santidade, segundo o qual a pessoa é mantida santa e transformada em santa o tempo todo. A própria história da salvação contraria esse princípio, pois a história da salvação tanto cristã como judaica — ou seja, as pessoas que trouxeram a salvação, aquelas consideradas boas e puras — têm atrás de si toda uma série de indivíduos maus, se vistos sob a perspectiva da moral burguesa; sem estes últimos, elas jamais poderiam ter sido puras. A própria biografia de Jesus de Nazaré, a árvore genealógica, é cheia dessas figuras semelhantes a Margret”¹⁷. Margret, no romance em questão, representa o protótipo da pecadora.

A dialética entre sacralidade e não-sacralidade constitui um dos temas centrais do texto. Ou seja, o que é denunciado como “não sagrado” pela Igreja oficial, muitas vezes se revela como o último reservatório de santidade neste nosso tempo dessacralizado. O que se esconde, portanto, na figura feminina de Leni, em “Retrato de grupo com senhora”, é o típico problema da secularização do sagrado nas manifestações literárias mais recentes, um procedimento que corresponde em Böll, de forma inversa, à sacralização do profano.

5. A dialética entre sacramental e profano

Tais inversões dialéticas não foram descritas de forma mais marcante em nenhum outro texto da obra publicada de Böll do que no romance “Impressões de um palhaço”. Nessa obra, o ponto de vista escolhido pelo escritor para examinar o conflito com a sociedade não se deixa marcar tão intensamente por um conteúdo programático político-partidário (mesmo se levada em consideração toda a crítica feita no livro ao Estado liderado pela CDU de Konrad Adenauer); a perspectiva privilegiada nesse romance assumirá sua forma plena, sim, a partir de uma história

de amor: a partir do confronto entre o palhaço Hans Schnier e a Igreja católica oficial, que não quer reconhecer sua relação amorosa e sexual com a namorada Marie como um sacramento autoministrado. E isso a despeito de que a própria doutrina eclesiástica reconhece os cônjuges como ministrantes do matrimônio.

O elemento estruturalmente anárquico dessa história repousa sobre o fato de Hans Schnier insistir no direito de autoministrar-se o sacramento e insistir, assim, em que sua relação com Marie já é por si mesma um sinal do amor de Deus. Não é necessário instituições como a Igreja para tornar válido esse amor, torná-lo enfim um "sacramento". O casamento já é em si sacramento através de sua consumpção pelos cônjuges e não através da legitimação externa de uma instituição. À medida, porém, que as Igrejas subordinam a validade do matrimônio a seus "princípios de ordem", elas "hiper-regulam" — e por isso mesmo violentam — aquele sentimento que segundo sua essência deveria fundar-se sobre a liberdade e a doação: o amor.

É apenas com base nessa compreensão incondicional de amor e nessa visão radical de sacramento que se explicam os "efeitos insensatos" desse romance e suas inversões burlescas: de fato, é o palhaço que se destaca como "adepto monomaniaco da monogamia", é ele que pode acusar sua namorada Marie de adultério por ela o haver abandonado e contraído matrimônio no civil e no religioso com outro homem. É somente com essa base que se explicam certas frases do palhaço, aparentemente estranhas e paradoxais, como a que segue: "Eu iria explicar ao Papa que meu matrimônio com Marie fracassou exatamente no momento da celebração oficial, e iria pedir-lhe que ele visse em mim uma espécie de tipo oposto a Henrique VIII: este foi polígamo e devoto, eu fui monógamo e incrédulo"¹⁸. Decisivo, porém, é que a questão do matrimônio e dos sacramentos não surge como uma espécie de resíduo católico extemporâneo, mas possui uma *função representativa* da problemática política em sua totalidade, para a qual Böll sempre esteve voltado em sua condição de "escritor político".

No decorrer dos anos 50, tornou-se cada vez mais perceptível para Heinrich Böll que o conflito no seio da tradição católica permitia entrever estruturalmente o conflito com a sociedade burguesa cristã: liberdade, autodeterminação e amor inapreensível não são conquistas permanentes que as instituições e organizações sociais se limitam a tornar possíveis: as organizações e instituições, por si próprias, podem também voltar a restringir e esmagar essas mesmas conquistas. A partir do universo sacramental, Böll tornou claro quanto custa para as

peças a decisão de viver sua liberdade e seu amor de forma própria: quanto custa tornar realidade o mistério de Deus, humanizá-lo e encarná-lo. Face a tal perspectiva é que se pode aprofundar a compreensão de certas declarações de Böll, como a que segue, a princípio voltadas ao meio católico: "Todos os sacramentos possuem uma dimensão mística, que do ponto de vista racional é totalmente incontrolável"¹⁹.

6. Contra a "hiper-regulamentação" dos sacramentos

Este foi o ponto decisivo: o mistério da liberdade irreduzível e do amor incondicional de fato existe e é impassível de controle e de dominação por qualquer instituição ou organização. Esse momento de anarquia, de inapreensibilidade e de insubmissão a qualquer controle foi perseguido insistentemente por Heinrich Böll: o escritor denunciou sua repressão na sociedade burguesa e apontou para as más conseqüências decorrentes disso. Pois para ele são as pessoas que experienciam muito concretamente "o que Deus uniu" e são elas, sem a necessidade da tutela eclesial, que optam livremente por consolidar tal união.

É preciso, portanto, entender a maior parte dos romances e narrativas böllianas como "experimentos": "não no sentido de mostrar apenas a fragilidade do que está regulamentado pela religião, mas sim de redefinir através de exemplos e da sensualização aquilo que no passado se denominava sacramentos"²⁰. Com efeito, é preciso observar nos romances de que forma Böll descreve a comunhão entre dois seres humanos; de que forma apresenta as pessoas nas refeições, principalmente no café da manhã; de que forma as representa na divisão do pão, no gesto de partilhar um cigarro ou uma cerveja; é preciso ainda ter o olhar voltado para o papel de proto-símbolos como pão, água e vinho: aí sim se tem a noção do que seria para ele a sensualidade do sacramento. Em outras palavras, a obra literária bölliana alimenta-se da convicção de que o divino se corporifica nas relações interpessoais, de que o espiritual pode assumir forma concreta naquilo que é material, corporal e apreensível pelos sentidos.

Sem dúvida a biografia do autor assume aí um papel importante: "Justamente no domingo de manhã, único momento em que a família tem tempo para estar junta — pois o pai não precisa ir trabalhar, as crianças não vão para a escola e a mãe poderia

descansar um pouco — justamente aí é que a gente precisa ir à missa. (...) A missa dominical mais destruiu do que edificou a vida familiar. Essa é minha opinião e minha experiência, porque afinal nada une mais a família do que uma refeição em comum". A comunhão seria possível se houvesse a possibilidade de "se estar de fato sacramentalmente juntos, com pão e café, leite e vinho talvez" — essa a opinião de Böll. "É preciso" — sigamos seu raciocínio — "encontrar um novo conceito para o sacramental, é preciso encontrar um novo conceito para as celebrações, para esse 'estar junto' que as pessoas vivenciam porque anseiam por alguma coisa em comum"²¹. Vê-se, portanto, que uma *dialética do sacramental e do profano* muito peculiar subjaz ao pensamento de Böll: "Descubro traços sacramentais", diz ele, "em autores que se pretendem totalmente não cristãos, quando eles escrevem sobre o amor, sobre as refeições. E penso o mesmo quando me debruço sobre o cotidiano: também há algo de celebração quando a mulher prepara o café da manhã para a família, e todos se sentam e conversam antes de ir trabalhar. Isso é de fato uma celebração"²². Uma conseqüência dessa postura são os *sinais marcados* que povoam toda a obra de Böll. Pois em sua escrita não se dá apenas a humanização dos sacramentos clássicos por sua inserção no dia-a-dia ou a dignificação do cotidiano através de marcas sacramentais. Nela ocorre também a descrição de novos "sacramentos", ou seja, *instituem-se novos rituais arquetípicos*, simbólicos, na maioria das vezes como sinais de resistência, ligados predominantemente à agressão, mas que não passam da busca de libertação de uma agressão estrutural. Um bom exemplo para isso é a incineração de um jipe do exército, propositadamente causada pelas personagens Gruhl, pai e filho, em "Fim de uma viagem": nesse *happening* artístico encenado por eles, ambos encontram uma forma de expressar seu protesto contra o militarismo e o rearmamento do exército alemão. Trata-se de um ato consagrado, assim como o tiro desferido por Katharina Blum no cínico representante do jornalismo sensacionalista que a havia difamado²³; ou ainda como o destino do palhaço Schnier, que ao final do romance, já resignado, limita-se a cantar a insensata e melancólica canção do "Pobre Para João" nas escadarias da estação de trem de Bonn. Novos rituais, novas atitudes simbólicas provocativas e instauradoras de sinais que encontram sua novidade justamente nas inversões que apresentam — também isso na obra de Böll é herança de seu pensamento sacramental.

De fato, a metafórica sacramental permite a Böll lançar mão de algo muito peculiar, que ele não teria podido expressar tão bem através de outros símbolos: trata-se da capacidade de, ao pensar,

inserir-se nos universos que impregnam e determinam as pessoas no mais íntimo de si. Os sacramentos reconhecidamente não são apenas sinais exteriorizados, adornos rituais, mas sim a evocação do homem como um todo, de todas as suas dimensões intelectuais, emocionais e morais; são rituais que visam à transformação desse homem integral. E exatamente a simbologia eucarística encontra aqui uma figuração plástica de caráter excepcional: a refeição, a comida, o consumo dos alimentos. Ao participar do sacramento da eucaristia, alimentar-se do corpo de Cristo, as pessoas realizam algo que alcança as camadas mais profundas do ser humano. Elas participam de um mundo do qual não podem mais se afastar tão facilmente. São capturadas e impregnam-se disso no mais fundo de si mesmas.

7. O Deus feito homem incógnito

Qual é, afinal, a raiz mais profunda da compreensão que Böll tem de sacramentalidade? Qual é a raiz de sua grande liberdade frente à Igreja e à sociedade burguesa, mas que lhe permite também esboçar formas alternativas de cristandade? Qual a raiz de sua capacidade de administrar uma dialética que destrói os sistemas e aproxima sacralidade e profanidade? — Essa raiz é sua compreensão da figura de Cristo.

É possível lançar mão de muitos textos para caracterizar a compreensão que Böll tem de Cristo²⁴. Gostaria aqui de fazê-lo através de uma das cenas finais — talvez muito pouco conhecida — do roteiro de Böll para o filme sobre a Irlanda. As imagens são de um bar irlandês, acompanhadas do seguinte texto: “Em lugares (como na Irlanda) onde as videiras não vingam, onde o vinho importado desperdiça seu buquê e onde o Iluminismo não teve receptividade, nesses lugares é que os santos podem imaginar Cristo como um bebedor de cerveja”. Em seguida, Böll cita um poema atribuído a Santa Brigid de Kildare:

“Queria ter os homens do céu
como convidados em minha casa,
e dar-lhes de beber
de barris imensos cheios de alegria.

Eles devem ficar felizes enquanto bebem,
e Jesus também deve estar entre eles
como convidado em minha casa.

Um grande lago de cerveja
é o que quero oferecer ao Rei dos Reis.

Quería ver a Sagrada Família
beber por toda a eternidade"²⁵.

Aqui — na imagem do "Cristo bebedor de cerveja" — ela surge novamente: essa dialética bölliana entre sagrado e profano, espiritual e material, divino e humano. Na dicção do "Cristo bebedor de cerveja" não se trata de nenhuma depreciação, nenhuma blasfêmia, mas sim de uma forma diferente, mais livre e mais humana, de falar do divino através das categorias de celebração, festa e alegria — e Böll bem sabia o quanto poderia ser provocativa uma tal compreensão dos sacramentos: "Seguramente algumas pessoas em Roma sairiam de si, se se deparassem com essa idéia incivilizada de que a cerveja tivesse qualquer função sacramental, ou de que ela fosse tolerada como uma bebida que é sinal de eternidade"²⁶.

Existe, a partir daí, algo como um "*crístologia*" do Cristo incógnito em Heinrich Böll, pois a encarnação acontece sempre nos momentos em que não se espera por isso; o Deus feito homem sempre surge em suas obras justamente onde não se supunha que estivesse — está escondido, incógnito onde se acredita firmemente que ele jamais estaria. Walter Jens afirmou com razão que haveria "personagens jesuânicas" em Böll. E de fato:

"A esse grupo pertencem o prisioneiro de guerra soviético, assíduo leitor de Kafka, e Margret, a pecadora piedosa, [ambos de 'Retrato de grupo com senhora']; ou ainda as três testemunhas na peça de rádio 'Em código' (*Klopzeichen*): um certo Julius, que pede para receber a primeira comunhão, um padre, que a ministra, e um homem que intermedeia a comunicação entre ambos. Todos os três estão em celas vizinhas em um campo de concentração. O intermediário recebe as batidas em código dadas na parede de sua cela, de um lado, e as retransmite, batendo novamente, do outro: 'Quero receber o sacramento'. Ele assume o papel do padrinho de batismo, transmitindo ao batizando a mensagem do padre: 'Seus pecados estão perdoados'. Julius, o neófito, é executado algum tempo depois no lavatório da prisão por ter ousado roubar meia colher de farinha; ele queria assar algumas pequenas hóstias sobre um ferro de passar roupa, as quais seriam utilizadas da mesma forma que o vinho; a bebida era levada às escondidas até a cela do sacerdote, em uma garrafa onde se lia 'xarope contra tosse'. — A comunidade jesuânica das personagens de Böll consiste em alguns clérigos, religiosos sem prestígio na hierarquia, e muitos, muitos leigos, cuja fé se submete a provas de vida e morte"²⁷.

Mas quem, afinal, foi Jesus de Nazaré para Heinrich Böll? No ano de 1973 — por ocasião de uma pesquisa sobre o tema — Böll respondeu a essa pergunta com toda a clareza: “A separação entre Jesus e Cristo surge para mim como um truque inadmissível, pelo qual se retira a divindade não apenas do Deus *feito* homem mas também de todos aqueles homens e mulheres que aguardam por sua própria hominização”²⁸. Para ele não havia separação entre Cristo e Jesus, pois ele creditava muito valor ao Deus já *feito* homem. Aí de certa maneira é que ele via a “divindade” em Jesus. Jesus como a corporificação humana do transcendente, como incorporação, encarnação da divindade. E esse pensamento não lhe era caro tanto por força de uma ortodoxia dogmática, mas por motivos de uma hermenêutica política. Suas reflexões sobre o Deus feito homem não se apresentam dogmaticamente isoladas, mas sim no contexto de uma sociedade que nega aos indivíduos a chance de sua realização como pessoas humanas.

A recusa da autodenominação como cristão, já mencionada acima, caracteriza-se em Böll, portanto, como reflexo de uma sociedade em que a cristandade, no sentido do Deus encarnado, ainda não se realizou — à revelia de 2000 anos de cristianismo. A partir disso é que Böll formulou de forma muito aguda e conseqüente já nas suas “Preleções de Frankfurt” (*Frankfurter Vorlesungen*), de 1963/64, o seguinte:

“Eu dizia que provavelmente a hominização do homem ainda não tenha começado, de forma alguma no romance; mas provavelmente nem o cristianismo começou ainda, certamente não: as Igrejas ainda não entenderam o que é o amor, apesar de haver textos o suficiente à disposição delas, e que elas mesmas poderiam comparar entre si: esses textos grandiosos... — o que sobrou foi a agudeza jurídica sisuda, que pretende regulamentar coisas como o amor e o casamento”²⁹.

Por um lado está a idéia de que a hominização do homem ainda não tenha começado — e com isso nem o próprio cristianismo; por outro lado, está a fé na permanente “presença do Deus feito homem”: são esses os dois pólos de tensão da fé a que Heinrich Böll repetidas vezes deu forma em sua obra pela via estética. Permito-me apresentar a tese de que a sua “estética do humano”, sua poesia do cotidiano programaticamente formulada em ensaios e discursos, lança suas raízes espirituais mais profundas em sua fé na “presença do Deus feito homem”. A análise dos déficits sociais e a redenção do cotidiano, a crítica política implacável e a esperança de que a hominização do homem pudessem prevalecer caminharam sempre lado a lado em Heinrich Böll.

8. O cristianismo de Böll

Não é possível emitir um juízo definitivo a respeito de sua obra; a intenção fundamental desse autor, no entanto, é evidente: trata-se de uma grande tentativa de aproximar universalidade e particularidade, de refletir o grande no pequeno. Os problemas apresentados sob o manto do catolicismo têm em Böll um caráter representativo. Os conflitos gerados pelo universo católico e típicos dele são transferíveis para outras realidades, mesmo quando o leitor não integra tal universo ou deixou de integrá-lo. Prova disso foi o sucesso obtido por Böll em países dominados pelo poder autoritário de um partido estatal socialista. Nesses países, ficaram evidentes as semelhanças estruturais entre o catolicismo estatal e o socialismo estatal, os problemas análogos de ambos. O traço fundamental da obra de Böll, de caráter individualista e anarquista, pode ser entendido melhor justamente a partir dessa perspectiva.

O universo católico possibilitou a Böll representar literariamente sua dialética entre debilidade e força, pureza e impureza, entre sagrado e profano, santo e pecador; e também as suas junções e amálgamas, a nova escala de valores proposta por ele para a convivência humana (brandura, carinho, postura construtiva em relação ao que é desprezado, sujo e imoral).

Quando levada em consideração sua origem biográfica, percebe-se, enfim, como foi imprescindível para ele a tematização exemplar dessa dialética com base em raízes cristológicas nos limites do espaço católico. A dialética de Böll, no entanto, é perfeitamente destacável desse universo e transferível a outros contextos sociais, religiosos e políticos. Logo, pode ser apreendida também como uma dialética político-antropológica, da mesma forma que aquela representada por Camus e por Brecht, cada qual no contexto existencialista e marxista, respectivamente.

Mas qual é afinal o cristianismo de Heinrich Böll? Através de sua obra podemos apanhar o rastro de *um cristianismo de origem católica, alternativo, republicano e ao mesmo tempo místico-sacramental*. Um cristianismo que tem mais a ver com os bufões do que com os grandes senhores, mais com resistência do que com conformismo piedoso, mais com a força mística do que com a interioridade passiva, mais com a franqueza do que com a humildade.

Ao focar seu segundo universo literário ficcional, sua obra ensaística, deparamo-nos com textos que enfocam uma linhagem de predecessores desse "cristianismo diferente"; suas figuras compõem uma comunidade baseada em valores de solidari-

idade: ora há um ensaio sobre Las Casas, o militante dedicado à causa da libertação dos índios, ora um ensaio sobre Tomás de Aquino, que Böll chama de um "radical no serviço de Deus"; ora uma lembrança a Karl Rahner, que teria sido "o oposto de um ciclista" ("era vigoroso na subida e humilde na descida"), ora uma resenha sobre Ludwig Marcuse, que Böll — de forma tão típica — denominava um "devoto incréu". Como praticamente nenhum outro escritor alemão posterior a 1945, Böll mostrou-se capaz de representar através da literatura ou de pôr à prova através de sua vida pessoal o fato de que é possível ser religioso sem cair em descrédito ideológico. É esse o mistério das figuras böllianas. É esse o seu próprio mistério.

Ao deparar-se com a pergunta sobre o porquê de sua fé em Deus, Böll respondeu da seguinte forma, em uma entrevista que pude ter com ele em 1983, dois anos antes de sua morte: "Penso — e já insinuei isso quando falei em sensibilidade, a qual também poderíamos denominar sonho, saudade ou de qualquer outra forma, como se costuma fazer — penso, afinal, que o ser humano, em certos momentos, mesmo durante alguns poucos segundos, e mesmo quando ele é feliz, bem casado, tem filhos e um emprego de que gosta, penso que mesmo assim ele se sente estranho neste mundo. Acho que é esse o porquê. Não se trata aqui de um simples sentimento, de forma alguma; mas talvez, isso sim, de uma recordação arcaica, uma recordação de algo que existe fora de nós mesmos. Esse é um dos motivos em geral, e também um motivo para eu mesmo acreditar em Deus. Um segundo motivo para mim é o seguinte: Creio em Deus porque o ser humano existe. E porque os seres humanos também possuem Deus em si mesmos, por meio do Deus que se fez homem"³⁰.

Tradução do alemão: Paulo Astor Soethe

Notas

1 Heinrich Böll tornou-se relativamente conhecido no Brasil sobretudo a partir de 1972, quando recebeu o prêmio Nobel de Literatura. Algumas de suas obras fundamentais foram traduzidas e publicadas por editoras brasileiras. Sobre sua recepção no Brasil, ver E. THEODOR, "Heinrich Böll e a literatura de escombros", in: _____. *Perfis e sombras. Estudos de literatura alemã*, São Paulo, EPU, 1990, pp. 216-220; e P. SOETHE, "Nele tem-se a impressão de que amargura rima com travessura". Contribuição bibliográfica ao estudo da recepção de Heinrich Böll no Brasil", Curitiba, *Revista de Ciências Humanas da UFPR* 3 (1994).

Na Alemanha, Böll esteve entre os autores mais conhecidos após o fim da Segunda Grande Guerra e até meados dos anos 80, quando faleceu. Como *introdução à sua obra e para a interpretação de textos específicos*, ver H. BETH (org.), *Heinrich Böll. Eine Einführung in das Gesamtwerk in Einzelinterpretationen*, Königstein/Ts., 1980; para *informação biográfica*, ver G. HOFFMANN, *Heinrich Böll*, Bornheim-Merten, 1986; sobre a *dimensão religiosa em sua obra* ver também K.-J. KUSCHEL, *Jesus in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*, Munique, 1987 (Serie Piper 627); M. NIELEN, *Frömmigkeit bei Heinrich Böll*, Annweiler, 1987; W. JENS et H. KUNIG, *Anwälte der Humanität. Thomas Mann, Hermann Hesse, Heinrich Böll*, Munique, 1989; St. GÜSTRAU, *Literatur als Theologieersatz. Heinrich Böll*, Frankfurt/M., Bern, New York, 1990; e H. JURGENBEHRING, *Liebe, Religion und Institution. Ethische und Religiöse Themen bei Heinrich Böll*, Mainz, Matthias-Grünwald, 1994.

2 Trata-se aqui da União Cristã Democrática (Christliche Demokratische Union, CDU), que, ao lado do Partido Social Democrático da Alemanha (Sozialdemokratische Partei Deutschlands, SPD), é um dos dois maiores partidos alemães. Foi a CDU, sob o comando do chanceler Konrad Adenauer, que esteve à frente do governo quando se fundou a República Federal da Alemanha, em 1949; o partido manteve-se ininterruptamente no poder até 1969. Nesse período de reestruturação do Estado alemão e nos anos imediatamente seguintes foram tomados rumos e decisões duramente criticados por Heinrich Böll. Sobre a estrutura partidária na Alemanha e sua história recente, ver em português A. HOFFMANN, *Perfil da Alemanha*, Frankfurt/M., Societätsverlag, 1992.

3 Entrevista com H. Böll, "Die mögliche Verwirklichung evangelischer Gedanken" ("A realização possível das idéias do Evangelho"), *Orientierung* (15/9/1982) pp. 183s.

4. C. AMERY, "Der Dichter, der Kardinal und der Abgrund" ("O poeta, o cardeal e o abismo"), *L'80. Zeitschrift für Literatur und Politik* 36 (1985): 35.

5. H. BÖLL, *Irisches Tagebuch* (1957), Munique : dtv, 1961, p.14.

6. H. BÖLL, "Kennedy, Irland und der große Hunger", in: *Briefe aus dem Rheinland. Schriften und Reden (1952-1959)*, Munique: dtv, 1985, pp. 231-234.

7. H. BÖLL, *Irisches Tagebuch*, p. 7.

8. H. BÖLL, *Eine deutsche Erinnerung. Interview mit René Wintzen* ("Uma recordação alemã. Entrevista com René Wintzen"), Colônia, 1979, p. 38.

9. Entrevista com H. Böll, *Orientierung* (15/9/1982): 184.

10. H. BÖLL, "Weil wir uns auf dieser Erde nicht ganz zu Hause fühlen. Gespräch mit Karl-Josef Kuschel" ("Porque não nos sentimos totalmente em casa nessa terra. Conversa com Karl-Josef Kuschel"), in: K.-J. KUSCHEL, *Weil wir uns auf dieser Erde nicht ganz zu Hause fühlen. 12 Schriftsteller über Religion und Literatur*, Munique, 1985, pp. 66s.

11. H. BÖLL, "Für Ernesto Cardenal zum 60"., in: *Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt*, 20/1/1985.

12. Citação segundo E. KOCK, "Der Zorn des Mitleids. Erinnerungen an Heinrich Böll" ("A ira da compaixão. Recordações de Heinrich Böll"), in: *Veröffentlichungen der Kath. Akademie Schwerte*, 28 (1986): 26.

13. H. BÖLL, *Ansichten eines Clowns*, Munique, dtv, 1967, p. 66.

14. M. GRAFF, "Knien wollte er nicht. Heinrich Böll 1917-1985" ("Ele não quis ajoelhar-se ..."), in *Herder Korrespondenz*, 39 (1985): 424s.

15. H. BÖLL, *Fim de uma viagem*, trad. por R. Guarany, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

16. H. BÖLL, *Irisches Tagebuch*, p. 23.

17. H. BÖLL - D. WELLERSHOFF, "Gruppenbild mit Dame. Ein Tonband-Interview" ("Retrato de grupo com senhora. Uma entrevista gravada em fita"), in: R. MATTHAEI (org.), *Die subversive Madonna. Ein Schlüssel zum Werk H. Bölls*, Colônia, 1975, p. 152.

18. H. BÖLL, *Ansichten eines Clowns*, Munique, dtv, 1967, p. 183.

19. H. BÖLL, *Eine deutsche Erinnerung. Interview mit René Wintzen*, Colônia, 1979, p. 67.

20. H. BÖLL, *Eine deutsche Erinnerung*, p. 68.

21. Idem, p. 70.

22. Ibidem.

23. H. BÖLL, *A honra perdida de Katharina Blum ou: possíveis origens e caminhos da violência*, trad. por Klaus Schell, Rio de Janeiro: Artenova, 1976. A obra também é conhecida no Brasil por sua adaptação para o cinema pelo diretor Völker Schlöndorff.

24. Sobre o assunto, ver K.-J. KUSCHEL, *Jesus in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*, Munique ("Jesus na literatura contemporânea em língua alemã"), 1987 (Serie Piper 627).
25. H. BÖLL, "Irland und seine Kinder" ("A Irlanda e seus filhos"). Roteiro de filme para televisão (1961), in: _____. *Werke. Hörspiele, Theaterstücke, Drehbücher, Gedichte* ("Obras. Peças de rádio, peças teatrais, roteiros e poemas"), org. por B. Balzer, Colônia, 1978, v. VI, 396.
26. H. BÖLL, "Die Ursachen der Troubles mit Nordirland" ("As causas dos estremecimentos com a Irlanda do Norte"), in: _____. *Ende der Bescheidenheit. Schriften und Reden 1969-1972* ("O fim da modéstia. Escritos e discursos 1969-1972"), Munique : dtv, 1985, p. 136.
27. W. JENS, "...den Alltag zu heiligen. Heinrich Böll" ("...santificar o dia-a-dia. Heinrich Böll"), in: WALTER JENS E HANS KUNG, *Anwälte der Humanität. Thomas Mann, Hermann Hesse, Heinrich Böll*, Munique, 1989, pp. 71s.
28. H. BÖLL, "Wer ist Jesus von Nazaret — für mich?" ("Quem é Jesus de Nazaré — para mim?"), in: H. SPAEMANN (org.), *Wer ist Jesus von Nazaret — für mich? 100 zeitgenössische Zeugnisse* ("... 100 testemunhos contemporâneos"), Munique, 1973, pp. 39s.
29. H. BÖLL, *Frankfurter Vorlesungen* ("Preleções de Frankfurt"), Munique : dtv, 1968, p. 110.
30. H. BÖLL, "Gespräch mit K.-J. Kuschel", *Weil wir uns auf dieser Erde nicht ganz zu Hause fühlen. 12 Schriftsteller über Religion und Literatur*, Munique, Piper, 1985, pp. 68s.

Endereço do autor:
Sandäckerstraße, 2
72070 — Tübingen Alemanha